

**sinopse** Londres, década de 1950. Reynolds Woodcock é um estilista conceituado que trabalha em parceria com Cyril, sua irmã, a criar roupas para alguns membros da elite e realza britânica. Apesar de habituado a viver rodeado por mulheres belíssimas, Reynolds nunca se entregou a ninguém. Mas a sua vida muda quando conhece Alma, uma jovem empregada de balcão que se torna sua amante e principal fonte de inspiração... **Um filme de época sobre o glamoroso mundo da alta-costura inglesa, escrito e realizado pelo norte-americano Paul Thomas Anderson (Boogie Nights, Magnólia, Haverá Sangue, O Mentor)**, com interpretações entregues a Daniel Day-Lewis – num anunciado último trabalho como actor –, Lesley Manville e Vicky Krieps. "Linha Fantasma" tem seis nomeações para os Óscares, entre eles o de Melhor Realizador, Melhor Filme, Melhor Actor Principal (Day-Lewis) e Melhor Actriz Secundária (Lesley Manville).

Título original: Phantom Thread (EUA, 2017, 130 min.)  
Realização, Argumento e Fotografia: Paul Thomas Anderson  
Interpretação: Daniel Day-Lewis, Vicky Krieps, Lesley Manville  
Produção: Paul Thomas Anderson, Megan Ellison, JoAnne Sellar  
Música: Jonny Greenwood  
Montagem: Dylan Tichenor  
Estreia: 1 de Fevereiro de 2018  
Distribuição: NOS Audiovisuais  
Classificação: M/12



### **Um filme de corte perfeito**

*Inês Lourenço, DN*

Puro encantamento. Não há definição mais justa para a experiência que se esconde atrás do título Linha Fantasma. Um filme que lapida a estranheza das emoções com o mesmo toque cirúrgico com que se trabalham os vestidos numa casa de alta-costura. Falamos precisamente da figura de um costureiro, Reynolds Woodcock, na incessante busca pelo sublime, e da relação deste com uma empregada de mesa, Alma, que se torna sua musa.

A partir da excelência de Daniel Day-Lewis, que confere a essa personagem do costureiro uma dimensão absoluta, e da sutileza de Vicky Krieps, que se lança no mistério íntimo do artista, Paul Thomas Anderson criou a mais requintada das histórias de amor, sem um centímetro de tecido a mais. O que aqui se vê, na expressão de uma fantasmagoria omnipresente, é da ordem da perfeição. E Day-Lewis encarna-a neste derradeiro papel.

## A casa das bonecas de luxo

Jorge Mourinha, *Publico* de 31 de Janeiro de 2018

O novo filme do realizador de Paul Thomas Anderson é idiossincrático, singular, imersivo: um feitiço resplandecente e obsessivo inspirado por um século de cinema.

**Linha Fantasma** é um daqueles filmes para os quais o cinema se criou enquanto experiência de imersão em sala; ver estas imagens, estes rostos no maior ecrã possível, enquanto o romantismo malsão da música de Jonny Greenwood nos aconchega. Ao longo de duas horas, Paul Thomas Anderson cria um feitiço preciso e perverso, onde as referências formais e as convenções narrativas do melodrama clássico desfilam como outros tantos vestidos de alta costura que nos enchem a vista. Mas já conhecemos o autor de **Magnólia** e **Haverá Sangue** e o suficiente para sabermos que o que se esconde por trás da fachada, por mais luxuosa que ela seja, é o que interessa. O importante, aqui, é que essa fachada é parte integrante da própria substância do filme. Tudo está, literalmente, cosido na própria bainha dos tecidos que Reynolds Woodcock utiliza nas suas criações. Para quem souber ver, está tudo à vista.

O que não está forçosamente à vista é exactamente o que é **Linha Fantasma**. A história, no papel, parece simples: na Londres dos anos 1950, um costureiro celibatário e perfeccionista apaixona-se por uma jovem criada de hotel que torna na sua musa, amante e, até certo ponto, boneca que quer moldar ao seu ideal. Mas Reynolds é, literalmente, casado com a sua arte, e Alma, que não quer ser apenas uma boneca nas mãos de alguém, tem de decidir se vai à luta ou se se deixa ficar. Podia ser uma alta comédia de Cukor (na atenção às personagens), um drama de Powell e Pressburger (no subtexto da afirmação), um melodrama de Minnelli (nas cores resplandecentes), ou apenas uma variação sobre o Pigmalião de George Bernard Shaw. E é isso tudo, ora ao mesmo tempo ora alternadamente.

Mas de repente há outra coisa, algo de gótico, de equívoco, e há uma sombra de Hitchcock a passar por ali (da **Rebecca**, sim, mas também do **Difamação**), ou uma ponte estranha com a **Vítima do Medo** de Powell ou o **Obcecado** do Wyler; e Anderson volta a cruzar a lógica formal dos anos 1950 com as narrativas mais livres e esquivas dos anos 1970, a instalar-se numa terra de ninguém que é só sua. **Linha Fantasma** é um braço de ferro entre uma estrutura social à beira do fim que Reynolds recusa abandonar e uma nova liberdade em ascensão simbolizada na decisão de Alma de não ser apenas “boneca de luxo”. Tudo codificado em gestos elegantes e decisivos e fragmentos de fantasmas que reaparecem a espaços, filmados por Anderson com um requinte perverso, quase tabu. E quem sabe se Reynolds não é o próprio Anderson, numa metáfora do realizador obsessivo que precisa de se soltar mas não sabe como?

Na verdade, isso pouco ou nada interessa. Amanhã, podemos achar que **Linha Fantasma** é outra coisa, porque este filme parece mudar de cor ou revelar novos matizes cada vez que é observado de perto. Não vale a pena dizer que os actores são todos fabulosos (e é injusto louvar apenas Daniel Day-Lewis, porque Lesley Manville e, sobretudo, Vicky Krieps estão ao mesmo nível dele), nem que Paul Thomas Anderson continua a desenhar um percurso singular, idiossincrático, como um dos grandes cineastas do mundo. O que vale a pena dizer é que este filme que se parece com tantos outros não se parece com nada que tenhamos visto. É para filmes assim que se inventou o cinema.

